

DIGITAL *VERSUS* IMPRESSO: PREFERÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE INFLUENCIADORES LITERÁRIOS E DE SEUS SEGUIDORES*

Camila Alves de Melo**

 <https://orcid.org/0000-0001-6160-4797>

Como citar este artigo: MELO, C. A. de. Digital *versus* impresso: preferências e experiências de influenciadores literários e de seus seguidores. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16587

Submissão: 23 de outubro de 2023. **Aceite:** 1º de novembro de 2023.

Resumo: A partir de observação silenciosa em perfis e canais de quatro influenciadores literários, objetiva-se analisar alguns discursos sobre preferências e experiências dos leitores no que tange aos suportes de leitura. Observa-se a flexibilidade desses sujeitos, pois leem tanto no suporte impresso quanto no digital, reconhecendo as vantagens e desvantagens de ambos. Porém, mesmo sendo nativos digitais, demonstram especial interesse pelo impresso, em uma relação de afeição, de consumo e de busca por deixar no objeto impresso os rastros de uma experiência de leitura concretizada.

Palavras-chave: Leitura. Mídias sociais. Suportes de leitura. Leitores. Influenciadores literários.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Processo nº 157046/2018-4.

** Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. E-mail: camila.melo@ufg.br

INTRODUÇÃO

■ **N**o contexto atual, as mídias sociais têm sido um dos lugares a partir dos quais se estabelecem as pedagogias do presente, que indicam formas de agir sobre si, conduzem condutas e atuam para forjar os sujeitos deste tempo (Camozzato, 2014). É por meio dos discursos em operação nesses espaços que se educa e se produzem maneiras específicas de agir conectadas com a atualidade.

O Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* de tempo gasto em mídias sociais, com os brasileiros dedicando a elas uma média de 3h46min de seu tempo diário. É uma quantidade significativa que, além de estar acima da média mundial (2h31min), expressa que os residentes do país passam por volta de 15,69% do seu dia conectados às mídias sociais (Digital 2023 Global Overview Report, 2023). Por isso, dada a dimensão que esses espaços alcançaram no cotidiano dos sujeitos, utilizados para fins de entretenimento, comunicação e até como fonte de informação, eles precisam ser estudados e problematizados.

Nas mídias sociais, há incontáveis “nichos” que se agrupam em torno de interesses em comum; para citar alguns: *fitness*, maternidade, leitura, entre outros. Os discursos que circulam nesses locais educam para o exercício dessas múltiplas facetas, respectivamente, sobre como ser saudável, mãe e leitor. Ou seja, esses discursos produzem efeitos sobre as condutas dos envolvidos, visando à fabricação de determinadas formas-sujeito, “que vão se produzir e traduzir em comportamentos, costumes, ações, a serem orientadas, guiadas, controladas” (Lopez Bello; Régnier; Sperrhake, 2014, p. 206).

Tomando o nicho dos leitores como foco, este texto objetiva analisar alguns discursos presentes nas mídias sociais, refletindo sobre as preferências e experiências dos leitores no que tange aos suportes de leitura. Para isso, lança luz sobre perfis de Bookstagram e canais de BookTube, lugares que se voltam à produção e ao compartilhamento de conteúdo sobre leitura no Instagram e no YouTube, respectivamente. Essas comunidades de leitores são administradas pelo que é possível nomear como “influenciadores literários”, que são, em sua maioria, “leitores comuns”, ou seja, pessoas que, em geral, não detêm o saber profissional da crítica literária, mas que gostam de ler e de compartilhar suas leituras. Com milhares de seguidores/inscritos (doravante denominados apenas como seguidores), esses locais registram discursos de uma história do presente das práticas de leitura, em especial a literária. Compõem-se como lugares privilegiados de circulação de discursos relacionados aos textos selecionados para leitura, aos suportes preferidos e às práticas de leitura efetivadas, fazendo uma associação com os três polos da história das formas de ler: “o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende” (Chartier, 1992, p. 221-222).

Em linhas gerais, é possível encontrar nesses espaços: resenhas de obras; exposição de estantes e de livros; apresentação dos livros recebidos (mediante compra ou como presentes enviados por editoras e livrarias); ações de publicidade e sorteios; práticas de leitura conjunta que envolvem os seguidores; desafios literários (por exemplo: ler ao menos um livro por mês); listas de livros de acordo com alguma temática (por exemplo: clássicos de determinado país), entre outros.

Os dados analisados neste artigo, derivado de uma tese de doutorado, foram obtidos por meio de pesquisa etnográfica que utilizou a técnica de observação silenciosa (*lurking*) em perfis e canais de quatro influenciadores literários, escolhidos de acordo com critérios como regularidade de publicações, quantidade expressiva de seguidores, entre outros. A prática de *lurking* – expressão em inglês que significa “à espreita” – é definida por Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 234) como “Ato de entrar em listas de discussão, fóruns, comunidades online etc. apenas como observador, sem nenhuma participação ativa”. Cabe salientar que os perfis/canais têm caráter público, ou seja, seus administradores escolheram que o acesso ao conteúdo produzido fosse livre. Os elementos analisados foram as postagens e os vídeos elaborados pelos influenciadores e os comentários realizados por seus seguidores¹.

Os influenciadores literários são três mulheres e um homem, brasileiros, entre 29 e 40 anos de idade e com formação em nível superior, alguns com pós-graduação. Começaram a produzir conteúdo nas mídias sociais entre 2007 e 2017, ao passo que alguns deles hoje dedicam-se exclusivamente a esse fim, embora outros ainda atuem em suas áreas de formação. Suas comunidades são amplas, atingindo a marca de milhares de seguidores. Esse público é majoritariamente brasileiro, com idade entre 25 e 34 anos e do gênero feminino². Por questões de ética em pesquisa, os nomes dos sujeitos envolvidos em tais espaços foram suprimidos e trocados por cores; teremos, então, os influenciadores verde, laranja, azul e amarela. A próxima seção abordará as produções desses sujeitos relacionadas às preferências e experiências no contato com os suportes de leitura impresso e digital.

IMPRESSO VERSUS DIGITAL

Analisando a história do livro e da leitura, Chartier (2001) identifica três linhas de transformação (não cronológicas): 1. transformação das técnicas de reprodução dos textos (do manuscrito ao impresso); 2. transformação das formas do livro (do códice à tela); e 3. transformações na história da leitura (da leitura silenciosa à leitura extensiva).

No que tange às formas do livro, foram vários processos para que hoje ele pudesse assumir o formato digital; antes dele vários outros suportes foram encarregados de “carregar a cultura escrita” (Chartier, 2002, p. 106). Semelhantemente ao que acontecia nas práticas de leitura antigas, feitas em suporte de rolo (papiro ou pergaminho), o texto corre diante dos olhos do leitor, que vai fazendo *scrolling* (rolando) do texto na vertical, e não mais na horizontal. Diferentemente de outros leitores, o da tela pode ter mais liberdade em relação ao seu corpo, uma vez que ele não é mais tão convocado a participar da prática de leitura: as páginas “virtuais” correm ao toque de um único dedo no dispositivo

- 1 Compõem o material empírico trechos de diário de campo e dois tipos de excertos de produções dos sujeitos da pesquisa: aqueles que são cópias de escritas e os que são transcrições de fala. Os comentários dos seguidores são sempre cópias de escrita; já dos influenciadores há dos dois tipos. Por isso, para os influenciadores, foi identificado quando se trata de escrita ou de fala. A escrita dos sujeitos foi mantida fielmente, com todas as suas marcas (por exemplo, utilizando “vc” para você), como forma de assinalar as diferenças de uso da língua no ciberespaço; algumas vezes, porém, foram feitas adições dentro de colchetes, a fim de deixar a escrita mais clara para o leitor. Para as transcrições de fala (especialmente dos excertos oriundos de vídeos), foram mantidos os marcadores de conversação e não foram feitos ajustes de concordância.
- 2 Dados obtidos com o auxílio da ferramenta da Upfluence (<https://www.upfluence.com/>), que exhibe gratuitamente algumas informações sobre a audiência de perfis no Instagram, canais no YouTube e outras mídias.

(Chartier, 1998). Ademais, outras características desse fenômeno recente são: a leitura hipertextual e multimodal, bem como a possibilidade de carregar milhares de textos em um único dispositivo, entre outros.

Assim como, em meados do século XV, o manuscrito e o impresso coexistiram, atualmente, vivemos a coexistência do impresso e do digital. Na coexistência anterior, Chartier (2002) relata que escritores aristocráticos e letrados eruditos tinham preferência pelo manuscrito e relutavam em adotar o impresso, já que uma das motivações para tal postura devia-se ao fato de que o leitor idealizado pelo manuscrito era aquele selecionado pela nobreza, ou seja, estava implicada também uma questão de poder e *status*. Na coexistência atual, os discursos que circulam nas mídias sociais podem nos dar alguns indicativos das experiências e preferências dos leitores, o que será abordado a partir de agora.

O suporte da leitura é um tema recorrente nas reflexões dos influenciadores, ao passo que todos têm conteúdos relatando seu ponto de vista quanto às vantagens e desvantagens da leitura no papel e da leitura na tela. Exponho os relatos de três deles:

[...] eu pessoalmente ainda sou daqueles que, até um pouco clichê falar isso, mas eu gosto de ter o livro físico comigo, gosto de folhear o livro enquanto eu tô lendo, gosto de ir numa livraria, passar e ficar escolhendo a edição [...]

[...] a grande maioria das leituras no livro físico, mas eu tenho também tentado ler aqui um pouco para me acostumar com o leitor digital, até para questões de viagem, da praticidade [...].

(Influenciador verde, 2019, transcrição de fala)

Ao relatar sua experiência de leitura em formato digital, a influenciadora amarela enumera algumas vantagens: preço mais acessível, praticidade (disponibilidade imediata ou em um tempo bem curto), luz regulável (especialmente para quem lê em espaços com pouca luminosidade), possibilidade de aumentar o tamanho da fonte. Também aponta algumas desvantagens: medo de andar carregando um iPad (possibilidade de furto), virada das páginas problemática e dificuldade de acompanhamento da leitura (quanto já foi lido). A principal desvantagem, para a influenciadora, é:

“[...] uma desvantagem muito grande pra mim é que eu sou uma grande consumista de livros. Essa minha biblioteca aqui atrás, que eu já mostrei pra vocês em Bookshelf tour, mostra que eu gosto de comprar livros, que eu gosto de ter livros. E é meio... Dá a sensação de que você não tem nada quando você compra um livro digital. Você tem um arquivo digital que fica em uma biblioteca digital. Você não pega o livro, você não sente a textura dele, não sente o cheiro do livro. Não vai me enganar que eu sei que muita gente está me assistindo gosta de sentir o cheiro do livro, o cheiro do papel, o cheiro da impressão [...] você não pode fazer anotações no livro digital. Como vocês sabem, eu já falei isso aqui em outros vídeos, eu tenho esse vício muito horrível de fazer anotações, de grifar os meus livros, escrever nas laterais, escrever nas orelhas, dobrar. Nada disso dá pra fazer através de um livro digital [...]” (Influenciadora amarela, 2015, transcrição de fala).

(Diário de campo, 2020)

[...] Inclusive até acho, às vezes, que eu leio mais rápido no Kindle, talvez pelo fato de passar as páginas mais rápido, talvez por colocar a fonte também do jeito que eu quero, tamanho da letra... É bem rapidinho e eu consigo ler muito, principalmente em lugares como avião, viagens, até ambiente bem escuros, como antes de dormir assim... Mesmo já tendo apagado a luz do quarto dá pra ler só na luz do Kindle, então eu acho que isso facilita bastante, cansa menos inclusive, principalmente se você for ler livros gordinhos, livros bem grandes [...].

(Influenciadora laranja, 2017, transcrição de fala)

Quanto aos seguidores, há quatro tipos de conduta diante da “batalha” impresso *versus* digital: 1. os que já aderiram totalmente ao digital; 2. os que preferem o impresso; 3. os que circulam bem entre os dois; e 4. os que passam a cogitar o uso do digital vendo os relatos dos influenciadores sobre suas vantagens. Essas condutas podem ser observadas nos excertos a seguir:

Eu desencanei em ter o livro na estante. Percebi que estava sendo muito consumista e ia precisar até colocar prateleiras novas para caber novos livros... Livro que li em algumas semanas e agora iriam ficar ANOS na prateleira. Hoje leio apenas pelo conteúdo, migrei 100% pro Kindle e me sinto melhor em não ser mais acumulador.

(Comentário de seguidor do influenciador verde, 2019)

Livro físico sempre! Amo ter o livro nas mãos, sentir o cheiro, abraçar rrsrrs.

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Eu amo muito os dois! Amo ver edições diferentes de livros, capas, etc. Mas o kindle foi meu melhor investimento de 2019, muito prático para ler. Inclusive tenho Frankenstein, o livro deste mês, em uma edição simples física e preferi ler na versão do kindle unlimited.

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Eu amo livro físico e estava super resistente ao Kindle (sim, até hoje). Mas desde ontem estou pesquisando vídeos e o seu foi determinante para eu decidir comprar.

(Comentário de seguidor da influenciadora laranja, 2017)

Podemos classificar, de modo geral, que esses sujeitos apresentam uma conduta de *leitor flexível*, ou seja, além de considerarem diferentes textos³, cogitam diferentes suportes e sabem reconhecer as vantagens e desvantagens de cada um, deles usufruindo conforme suas necessidades. Boa parte dos seguidores, assim como os influenciadores, lê livros utilizando dispositivos digitais, mas não abandona o impresso e até diz que o livro físico segue sendo seu preferido.

³ Cabe salientar que as escolhas nesses espaços trazem um conceito de literatura bastante amplo. Essa compreensão é resultado de um conjunto de práticas sociais e culturais. Muitos dos leitores que se reúnem nos perfis e canais iniciaram seu percurso lendo *best-sellers* em série (como *Harry Potter*) ou histórias em quadrinhos, muitas vezes marginalizados na cena literária, tratados como algo de menor valor ou desconsiderados como literatura. Por isso, essa amplitude de compreensão acompanha aspectos da própria trajetória desses leitores. Porém, mesmo que o conceito de literário nessas comunidades seja amplo, um tipo de texto parece ser mais recorrente: o clássico. Todos os influenciadores que compõem este estudo têm ao menos um vídeo sobre clássicos, sendo que um deles tem 11 vídeos que tratam centralmente do tema.

Amoo meu Kindle , claro q os físicos são ainda os meus preferidos ,mas é super prático da pra levar vários livros e não pesa nada KKK ideal pra levar nas viagens 
  

(Comentário de seguidora da influenciadora laranja, 2017)

Essa predileção pelo impresso também é citada por outros autores (Carvalho, 2018; Machado, 2019; Silva, 2018). Portanto, representa um movimento maior, que pode ser visto em outros espaços, além dos que analisei.

Há que se notar que, mesmo sendo locais de produção e audiência majoritariamente de nativos digitais⁴, há uma valorização do objeto impresso em detrimento do livro digital, conclusão à qual também chegou Renata Silva (2018) ao analisar três canais de BookTube. Esse apego à materialidade impressa pode caracterizar os sujeitos como *leitores bibliófilos*, ou seja, “alguém que coleciona livros também pela beleza da composição tipográfica, do papel, da encadernação” (Eco, 2010, p. 19). São leitores que olham com atenção para os detalhes do objeto e criam uma relação de afetividade com ele. Contribui, nesse sentido, uma postagem da influenciadora amarela, feita em 2021, em que analisa duas capas de uma mesma obra.

Eu admito que a capa nova é bem simpática, mas nada supera a memória afetiva que sinto pela minha edição velhinha, que li aos 13 anos.

(Influenciadora amarela, 2021, cópia de escrita)

Nessa visão do *leitor bibliófilo*, o livro passa a ser “um objeto, que pode ser amado não só por aquilo que diz, mas também pela forma sob a qual se apresenta” (Eco, 2010, p. 19).

Porém, o livro físico não representa apenas objeto de afeição, mas também um objeto de consumo. Essa constatação fica evidente naquela fala da influenciadora amarela, quando diz gostar de comprar/ter livros impressos e que o livro digital dá a sensação de que ela não tem nada. Esse *leitor consumista* quer o livro para si não só por afeição, mas também para expô-lo em suas estantes, porque ele tem um diferencial, como salienta uma seguidora do influenciador verde:

Apesar do Kindle ter seus milhares de benefícios, ele nunca vai ter o “glamour” de um livro físico. Digo isso porque sempre levo um livro para o trabalho e o mantenho na minha mesa. As pessoas vêm e acabam se interessando e perguntando do que se trata. O Kindle não [tem] esse poder, ele é basicamente um celular desligado sobre a mesa, e não desperta o interesse de ninguém.

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Para esses sujeitos, o livro digital não tem o poder de encantamento do físico. Além disso, não é possível produzir registros fotográficos das pilhas de livros lidos durante o ano, prática comum no Instagram, com o suporte digital.

4 A expressão “nativos digitais” foi criado por Prensky (2001) ao analisar as características dos estudantes contemporâneos, estes que cresceram utilizando diferentes tecnologias: computadores, *videogames*, celulares, câmeras, entre outras. O autor também reflete sobre o fato de esses estudantes chamados “nativos digitais” serem ensinados por “imigrantes digitais”, já que a maioria dos seus professores não nasceu e cresceu junto com as tecnologias, mas está buscando apropriar-se delas. No entanto, faço a ressalva de que a aplicabilidade de tais “rótulos” não pode ser generalizada, e é aí que reside a crítica feita às noções de nativos/imigrantes de Prensky, uma vez que nem todos têm o mesmo acesso ou a mesma proficiência no uso das tecnologias.

Esse ano eu li mais ebooks no Kindle q livros físicos, estou sentindo falta dessa pilha de livros lidos no final do ano. [Fazendo referência à foto do influenciador, que mostra uma pilha com 50 livros físicos lidos].

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2017)

Nas fotografias, revela-se o “ato de escolha [...]” (Santaella, 2012, p. 76), que coloca sob o enquadramento o ponto de vista de quem fotografa sobre aquilo que é fotografado. Sob tal perspectiva, é possível relacionar fotografia e representação, ou seja, as escolhas feitas para compor uma foto representam nossa forma de ver determinado objeto posto diante das lentes. No caso analisado, a forma como os sujeitos escolhem produzir o registro mostra algumas de suas representações sobre a leitura.

A fotografia também é um documento que “registra o fato, o acontecimento. Sem o registro, um acontecimento deixa de existir, perde-se nas brumas e poeiras do tempo. Nada mais eficaz do que uma foto para fornecer provas indiscutíveis de que algo aconteceu” (Santaella, 2012, p. 88). No caso analisado, a fotografia serve como documento comprobatório de uma prática de leitura efetivada, em especial aquela que evidencia os vestígios do ato, como os marcadores adesivos coloridos que despontam do corte dianteiro do livro.

Mesmo não me filiando à perspectiva teórica de Bourdieu (teoria crítica) e me distanciando da diferenciação que o sociólogo faz entre uma “cultura dos dominantes” e uma dos “dominados”⁵ ao desenvolver a noção de capital cultural, acredito que este conceito pode ser potente para discutir a arte como experiência consumível. Se o capital cultural “Refere-se à posse de bens, capacidades e títulos culturais [...]” e “pode se apresentar de forma objetivada (objetos culturais como obras de arte, livros, discos) [...]” (Silva, 2000, p. 24), as mídias sociais poderiam ser a vitrine de exposição do capital cultural objetivado dos sujeitos, que mostram aos outros a experiência de possuir e consumir objetos culturais – neste caso, os livros.

Essa prática de exposição do capital cultural pode ser ao mesmo tempo uma estratégia performática e uma estratégia de captura dos sujeitos, ou seja, de convencimento e condução dos seguidores. Foucault (2008, p. 130) afirma que “O governo tem portanto uma finalidade, ele dispõe das coisas [...] e dispõe das coisas (tendo em vista um fim)”⁶. Ou seja, toda ação de condução de conduta tem em vista uma finalidade, que está “nas coisas que ele [o governo] dirige; ela deve ser buscada na perfeição, na maximização ou na intensificação dos processos que ela dirige [...]” (Foucault, 2008, p. 132). Como estratégia de captura, a exposição do capital cultural pode conduzir a conduta para duas diferentes finalidades: tanto para a leitura quanto para o consumo.

O livro é entendido também como bem de consumo e como objeto decorativo a ser exibido. Nesse caso, o objeto-livro aparece deslocado de seu conteúdo e somente a posse desse item, disposto em uma estante abarrotada, parece agregar determinadas qualidades (culto e respeitável, por exemplo) àqueles que posam defronte de suas bibliotecas particulares.

5 Algo semelhante ao entendimento de “alta” (erudita) e “baixa” (popular) cultura, noção contestada no âmbito dos Estudos Culturais desde a instauração do campo de estudo (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 37).

6 As palavras entre parênteses desta citação, por estarem inaudíveis, fazem parte da conjectura do responsável pela transcrição da aula de Foucault em questão.

O livro, como objeto simbólico de poder e prestígio, não é uma marca exclusiva da contemporaneidade. No Brasil, segundo Saturnino (2011, não paginado), é no período colonial que o livro vai transformar-se de “objeto herético, temido e desconhecido por muitos [...]” em “símbolo de poder e de prestígio social” a partir da segunda metade do século XVIII.

Posar diante das bibliotecas pessoais, expor seus livros e seus espaços de leitura, também tem a ver com a própria experiência de ler, uma vez que “O ‘onde’ da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência” (Darnton, 1992, p. 213). Por isso, esses redutos da leitura construídos e expostos almejam dizer sobre as práticas de leitura daqueles leitores, suas preferências, a forma como tratam seus livros e o valor que lhes conferem. Porém, podemos dizer que parar em frente à biblioteca pessoal, expondo-a e segurando um livro em mãos, não é uma conduta recente, uma vez que ela aparece na pintura artística com frequência em outros tempos. Um exemplo está na pintura *A gentleman reading in the library* (Figura 1), de Johann Hamza, produzida entre o final do século XIX e o início do século XX. Nessa pintura, é possível observar a aura de respeitabilidade e cultura conferida àquele que aparece de posse de um livro defronte de sua biblioteca particular.

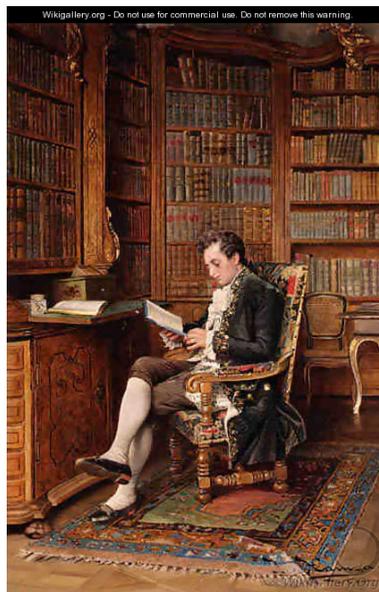


Figura 1 – *A gentleman reading in the library*, de Johann Hamza

Fonte: Hamza ([18--?]).

As *shelfies*⁷ e as *Bookshelf tours*⁸, tão frequentes no Bookstagram e no BookTube, não fariam o menor sentido com livros digitais! O livro a ser exibido

7 Fotografias de prateleiras pessoais, adornadas por objetos culturais (livros, revistas, obras de arte, itens decorativos, entre outros), compartilhadas nas mídias sociais.

8 Exibição da estante de livros de um sujeito por meio de vídeo ou foto, mostrando os itens que a compõem, de livros até a decoração.

é o impresso. Essa conduta consumista de livros impressos não é totalmente nova, tendo em vista que, como vimos anteriormente, várias pinturas de outros tempos mostravam leitores orgulhosos na frente de suas coleções. Já no século XVIII, Beyer (1795, p. 2, tradução nossa)⁹ afirmava que “adquirem-se livros novos pelos mesmos motivos que se compram móveis, roupas, carruagens, estojos etc. [...] por esse mesmo motivo a leitura de livros pode muito bem ser conduzida ao âmbito do luxo”.

Ademais, o livro digital não suporta a experiência multissensorial de que carecem alguns leitores, como bem expressaram os excertos escolhidos das produções dos influenciadores e seguidores: sentir o toque das diferentes texturas do papel, virar as páginas, cheirar, anotar de próprio punho algumas reflexões e inserir marcadores adesivos coloridos. Embora os dispositivos digitais, em geral, permitam fazer marcações e até comentários, a experiência sinestésica do impresso parece se sobrepor. A seguir, um destaque à busca desses leitores por deixarem vestígios, no objeto impresso, de suas práticas de leitura concretizadas.

Prefiro mil vezes o livro em papel, por pequenas razões, por ex: a alegria ao receber um livro, o cheiro do livro novo, a textura da capa, as ilustrações, faço muitas anotações nos livros, grifo trechos os quais eu gosto mais, e a satisfação de ver dia após dia o progresso da leitura; além é claro, do prazer de ter uma pilha enorme de livros e poder parar e pensar: “poxa, eu já li tudo isso!”. São coisas simples, banais para muitos, mas para mim fazem toda a diferença!! haha.

(Comentário de seguidora da influenciadora amarela, 2016)

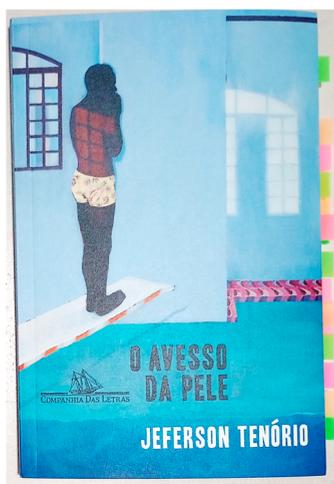


Figura 2 – Exemplo de utilização dos marcadores adesivos

As marcas deixadas pelos leitores nos livros têm bastante destaque nas discussões, ao passo que três dos quatro influenciadores têm vídeos dedicados a

⁹ “[...] sich neue Bücher aus eben den Gründen anschafft, aus denen man sich neue Meubles, Kleider, Wagen, Etuils etc. anschafft [...] eben darum kann das Bücherlesen gar wohl mit in das Gebiete des Luxus gezogen werden”.

falar sobre como fazem marcações nos textos. Esses vídeos têm muita audiência e estão entre os mais assistidos dos canais. Ao relatarem suas práticas, os influenciadores mostram os materiais que utilizam, em especial marcadores adesivos de várias cores (ver exemplo da Figura 2), revelando quando uma passagem é digna de marcação, seja por gosto pessoal do trecho ou pela sua importância na construção da narrativa.

Sobre as interações com o texto e com o suporte, eis os relatos dos influenciadores:

Muita gente me pergunta, sempre que aparece essas marcações em algum vídeo dos stories do Instagram ou das postagens, o que que eu tanto marco. [...] Eu decidi escolher utilizar sempre duas cores, uso post-its, uso esses marcadores de duas cores para cada livro e eu diferencio as marcações entre passagens que eu gostei, que eu achei interessante, tanto do ponto de vista da escrita do autor, algum trecho marcante ou algum trecho que seja muito essencial para a história e para a narrativa, algum trecho que traga alguma reflexão legal e que eu quero marcar. E a outra cor, uma cor que eu utilizo menos [...] [para] marcações de trechos sensacionais, aqueles “top três” do livro. [...] Quando eu vou fazer uma resenha eu acabo dando uma olhada nesses trechos principais porque são coisas que me marcaram muito na leitura. E não tem regra, então é uma coisa bem subjetiva né, conforme a leitura vai ocorrendo e eu vou é... achando que algum trecho merece marcação, só para não precisar ficar dobrando página então eu escolho esses post-its, né [...] mesmo rabiscar [...] eu não sou aquela pessoa contra rabiscar o livro, eu acho que o livro tem que ser lido e tem que ser absorvido o quanto mais, então se você puder anotar, se você puder marcar, isso eu acho essencial, porque isso quer dizer que você está, de fato né, prestando atenção no que você tá lendo e tentando tirar o maior proveito disso [...]

[...] deixem aqui nos comentários quais são os métodos que vocês usam, se vocês são aquelas pessoas que não marcam o livro, gostam de deixar ele intacto, ou se vocês marcam rabiscam ou utilizam algum outro método pra deixar registradas as passagens que vocês mais gostam [...].

(Influenciador verde, 2019, transcrição de fala)

Hoje eu vim fazer um vídeo que todo mundo me pede há um tempão que é como eu uso post-its e como eu marco os meus livros [...]

Eu geralmente escolho a cor do post-it que eu vou utilizar de acordo com a capa [do livro] [...] Esses aqui sim [post-its plastificados finos], são os meus preferidos [...]

Eu marco diversas citações que eu acho interessantes [...] No comecinho, usei outros post-its para fazer anotações. Nesse livro, inclusive, eu até marquei de lápis aqui, sublinhei, para não perder assim onde que era a frase que eu queria marcar. [...] Algumas vezes, como vocês podem ver ó [mostra a ponta da folha do livro dobrada], eu dobro [riso], a orelha tava dobrada porque eu não tinha post-it na hora aí depois que eu arrumei o post-it que eu fui marcar tudo, mas eu prefiro não fazer isso gente, pra não estragar [...] E é assim que eu marco meus livros gente, mas cada pessoa pode desenvolver o seu próprio sistema para marcar os seus livros.

(Influenciadora laranja, 2017, transcrição de fala)

[...] outra coisa que me perguntam bastante também é sobre as marcações que eu faço nos livros, então olha só vou mostrar para vocês... [Pega a bolsa] [...] aqui, acho que vai dar para vocês verem, tem várias marcaçõezinhas [mostra o corte dianteiro do livro, onde dá para ver, saindo das páginas, as pontas dos marcadores adesivos], pessoal tá sempre me perguntando como chama isso daqui, gente são post-its! [...] E, o que que eu marco?! Eu marco frases bacanas, passagens importantes, é... coisas que eu não quero esquecer de mencionar quando estiver falando sobre o livro em vídeo [...] Outra forma de fazer marcações também nos livros é [...] com caneta marcadora de texto mesmo, eu tenho várias, tenho várias espalhadas pela casa, pela bolsa [...] Geralmente eu marco com caneta referência de livros... [...] Pra coisas assim menores, para alguma frase muito impactante eu também gosto de marcar com caneta [...].

(Influenciadora azul, 2013, transcrição de fala)

Esse é o tipo de *leitor que deixa rastros*, que não se opõe a deixar vestígios de suas práticas nos textos/suportes. Essas marcas de uso são, com frequência, “notas, apontamentos, etiquetas, indicações, marcações, manchas, nódoas e dedadas consideradas como vestígios que aparecem numa obra que foi lida e utilizada ao longo dos tempos” (Faria; Pericão, 2008, p. 805).

Esses atos são resultados de um

[...] engajamento total [com o texto] que resulta nos vários modos de resposta: marginália, anotações breves, correções de texto, emendas, transcrições. Tomadas em conjunto, todas essas respostas geram uma continuação do livro que está sendo lido (Steiner, 2001, p. 20).

Porém, é um engajamento não só com o texto, mas também com a sua materialidade, transformando o suporte, o objeto, em uma prova viva de uma experiência concretizada. Prova que serve como apoio mnemônico, uma vez que à distância de anos, “um certo tipo de sublinhado, um sinal à margem, uma variação entre hidrográfica preta e hidrográfica vermelha lhe recordam [ao leitor] uma experiência de leitura” (Eco, 2010, p. 36). Essa perspectiva da memória fica evidente no relato da influenciadora azul e no comentário de um seguidor:

[...] eu tenho uma memória ruim, aí tenho medo que o conhecimento daquele livro se perca no meio do caminho, sabe? Aí eu grifo as frases, trechos mais interessantes e no verso da última página do livro coloco a referência (a pág.) da citação e um resumo do que ela diz, ou uma observação sobre o trecho. Adoro rever as últimas folhas dos meus livros e ver as anotações =]

(Comentário de seguidor da influenciadora azul, 2013)

Observando os relatos dos influenciadores, há entre os seguidores os que passam a pensar na possibilidade das marcações.

Eu não costumo marcar nada nos livro[s] que leio... mas começo a rever meus conceitos... [...].

(Comentário de seguidor do influenciador verde, 2019)

Outros, no entanto, revelam já terem adotado a prática das marcações, influenciados pelos influenciadores.

Nas minhas leituras literárias, até ano passado, eu nunca marcava nada. Esse ano, com o efeito [influenciador verde] em minha vida, passei a marcar com post its os trechos mais marcantes/bonitos/relevantes da leitura. Como sou professora universitária e meu trabalho envolve leituras acadêmicas/teóricas, para essas eu utilizo muitas marcações nos meus livros [...].

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Esse vídeo me influenciou e hoje os meus livros vivem cheios de marcação! E não consigo parar smskkasnjzksksk [risada] obrigada pela dica.

(Comentário de seguidora da influenciadora laranja, 2018)

[...] desde que comecei a assistir aos seus vídeos, tenho usado esses post-its coloridos. [...]

(Comentário de seguidora da influenciadora azul, 2013)

Aqui há um ponto interessante: a diferença nas marcações entre livros lidos por prazer/lazer e livros lidos para estudo ou trabalho. Não só aquela seguidora do influenciador verde como também outros seguidores revelam que a prática de fazer marcações era bastante rotineira com livros lidos com essas últimas finalidades. Parece acontecer uma mudança de mentalidade, passando-se a enxergar a leitura por prazer/lazer como algo que também precisa de imersão sensorial, uma imersão que se traduz nas marcações. É assim que o texto literário passa a ser objeto de estudo do leitor, que adentra nele – com caneta, lápis ou marcadores à mão – à caça de belas passagens.

Porém, essa conduta incentivada pelos influenciadores não é unanimidade entre os seguidores.

Só eu sou a doida que não faço nada nos livros? hahahah

Todo mundo ou cola post-it, ou sublinha, ou dobra, ou carimba, ou anota coisas, nome, etc. Eu simplesmente não consigo! Acho que isso é TOC, mas queria ser mais assim.

(Comentário de seguidora da influenciadora laranja, 2017)

Não escrevo nem o meu nome nos meus livros. Não dobro, não grifo, não colo nada. Eu apenas os leio e os armazeno em plásticos transparentes (de papelaria mesmo). Tenho livros de 20 anos atrás que ainda parecem novos. Mas respeito (e até admiro) quem consegue fazer marcações nas suas leituras. Cada um tem o seu jeito de lidar com os livros – e acho que, com relação a esse assunto, não existe certo nem errado. :)

(Comentário de seguidor da influenciadora laranja, 2020)

Nesses relatos dos seguidores, estão embutidas algumas representações sobre o livro, especialmente como objeto inviolável ou sagrado, o que é problematizado por um seguidor:

Hoje, marco tanto com as flags/post-its quanto faço grifos e anotações a lápis. Se não tiver espaço, escrevo num post-it e colo na página. Mas foi todo um processo até conseguir fazer isso... parar de ver o livro como um objeto “sagrado”, intocável e enxergá-lo como o que de fato é: um meio de comunicação, que trouxe a mensagem do autor (e, claro, o trabalho dos envolvidos na produção da obra/edição) até mim. Um processo de apropriação e diálogo mesmo.

(Comentário de seguidor do influenciador verde, 2019)

Em resposta:

Ainda tenho problema em riscar livros, pra mim continuam sagrados. Mas as flags e post it já consigo usar.

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Há, ainda, a perspectiva de não deixar rastros como um sinal de respeito ao próximo leitor, o que é sinalizado por uma seguidora:

Eu não gosto de riscar porque pode atrapalhar ou confundir quem vier a ler o livro no futuro [...].

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2019)

Mesmo Umberto Eco (2010, p. 36), um bibliófilo que relata ter o costume de fazer anotações nos livros, afirmando que o “amante da leitura, ou o estudioso, gosta de sublinhar os livros contemporâneos”, mostra-se resistente às marcações quando se trata de alguns livros, em especial, os raros (objetos de sua afeição).

Não sou agitado por uma tal hybris insana a ponto de enfeiar com esferográfica o meu exemplar da Hypnerotomachia, fiando-me no aumento do seu valor nos séculos futuros, mas admito que, se preciso estudar no livro raro, ousou fazer sinais a lápis na margem, suficientemente leves para um dia poderem ser eliminados com borracha, e isso me ajuda a sentir o livro como coisa minha (Eco, 2010, p. 37).

Assim como Eco, há os mais discretos nas marcações, que as fazem a lápis para que um dia seus rastros possam ser eliminados.

Eu escrevo no livro mesmo, mas com lápis para poder apagar se me arrepender, porém queria destacar em vez de anotar e estava com medo de usar marcador colorido.

(Comentário de seguidora do influenciador verde, 2020)

O problema de marcar com canetas marca textos e carimbar é que se algum dia quisermos vender ou trocar o livro vai está [estar] rasurado. Por isso, o bom e velho lápis ainda tem o seu valor, rs!

(Comentário de seguidora da influenciadora azul, 2013)

Parece que há, entre os leitores, uma compreensão de que suas notas não têm valor, pois são leitores comuns. Isso fica em evidência quando o próprio Eco (2010, p. 37) resiste a algumas marcações, mas valoriza as de James Joyce: “o que faríamos nós e os antiquários se circulasse um exemplar com cerradas no-

tas à margem feitas por James Joyce, e em gaélico?” O fato é que cada exemplar marcado conta uma história de leitura, independentemente da fama de seu leitor. É um objeto de recordação, como aponta o próprio Eco (2010, p. 36):

Eu possuo uma Philosophie au Moyen Age de Gilson, dos anos 1950, que me acompanha desde os dias da defesa de tese até hoje. O papel daquele período era infame, o livro já se esfarela mal a gente o toca ou tenta virar as páginas. Se ele fosse para mim um simples instrumento de trabalho, eu só precisaria comprar uma nova edição, encontrável a bom preço. Poderia até gastar dois dias sublinhando de novo todas as partes anotadas, reproduzindo cores e estilo das minhas notas, que foram mudando ao longo dos anos e das releituras. Mas não posso me resignar a perder aquele exemplar, que com sua frágil vetustez me recorda meus anos de formação e os seguintes, e que portanto é parte das minhas lembranças.

Todavia, para tudo há um limite, e dobrar as páginas é algo que o extrapola, segundo alguns seguidores.

Post it: Okay

Marca texto: tolerável

Dobrar a folha: AÍ NAAAO,ISSO É UMA FACADAAAA

(Comentário de seguidor da influenciadora laranja, 2021)

Postites é uma ótima opção para marcar, porque dobrar as páginas fazendo orelhas é um ‘crime’!!

(Comentário de seguidora da influenciadora laranja, 2019)

Os influenciadores incentivam que cada leitor desenvolva seu sistema de marcação nos livros, ao passo que muitos seguidores comentam que adotam cores diferentes para cada tipo de marcação. Por exemplo:

Eu gosto de usar os Pop-ups flags de forma colorida. Exemplo:

Azul para passagens com dramas/tristeza;

Amarelo superações/alegrias

Verde citações culturais/hábitos

Roxo curiosidades ...

Eu deixo escrito na primeira página do livro à lápis uma “legenda” para eu saber do que se trata ‘-v

(Comentário de seguidor da influenciadora azul, 2013)

Eu marco em post it por cores:

Azul: marcações que deram depre

Amarelo: Que falou diretamente comigo, que só faltou escrever meu nome ali.

Rosa: marcações impactantes pra levar pra vida

Roxo: marcações extremamente suspirantes e apaixonantes

Verde: marcações engraçadas.

Meus livros ficam coloridos no final da leitura kk. Amo!

(Comentário de seguidor da influenciadora laranja, 2018)

Alguns, inclusive, aderem tanto à prática de marcar com os adesivos coloridos, que petrificam na falta deles.

Cara, eu tenho o hábito de fazer marcações com aquelas flags coloridas de plástico. Eu uso uma cor para cada situação. Quando fico sem, não consigo ler sossegado. Virou um tic. Agora estou sem e não consigo ler.

(Comentário de seguidor do influenciador verde, 2017)

Os influenciadores colocam-se favoráveis a uma interação intensa do leitor com os suportes de leitura, o que inclui fazer anotações, marcações e até mesmo dobrar as pontas das páginas. Tal orientação vai na contramão de algumas visões sobre as materialidades, em especial as impressas, de que o livro é um objeto inviolável e de que o leitor não deve deixar rastros, questões que são levantadas por alguns seguidores. Talvez essa leitura asséptica tenha relação com as práticas das bibliotecas, em que os leitores são proibidos de deixar marcas de sua experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como na coexistência do manuscrito/impresso, mencionada anteriormente, nessa nova época de simultaneidades retomam-se velhas condutas. Se anteriormente as iluminuras e a caligrafia eram objeto de admiração, hoje as capas e demais detalhes do projeto gráfico fazem a diferença para os leitores. Além disso, o *status* continua envolvido, uma vez que o consumo e a posse de livros, tal qual outrora, parece posicionar o sujeito em determinado lugar na sociedade. Portanto, as preferências estão relacionadas tanto à materialidade e às suas possibilidades quanto à própria representação social do objeto impresso.

Partindo do conceito de discurso, na perspectiva foucaultiana, entendido como “Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2012, p. 60), compreende-se que, dentro do contexto analisado, as práticas discursivas conduzem a determinadas formas de ler e de ser leitor. Porém, são discursos que dizem sobre a leitura aqui e agora, tendo em vista tanto a característica radicalmente histórica dos discursos, quanto a mutabilidade e atualização constante das formas de conduzir as condutas dentro do âmbito das pedagogias do presente.

A condução da conduta, o governmento, é uma forma de exercer poder; “para Foucault são os ‘jogos’ de poder e de verdade que forjam, inventam, constroem, produzem realidades, isto é, não somente formas-objeto, mas também formas-sujeito” (Lopez Bello; Régnier; Sperrhake, 2014, p. 203). A produção de subjetividades é algo complexo de capturar em materialidades, mas foi possível projetar algumas formas-sujeito ou, como prefiro, formas-leitor, que se conduzem por meio dos compartilhamentos entre influenciadores e seguidores. Temos, então, um *leitor flexível*, que utiliza tanto o impresso quanto o digital e reconhece as vantagens e desvantagens de ambos, embora, no caso analisado, apresente especial apreço pelo impresso; também um *leitor que deixa rastros*, ou seja, deixa para a posteridade o registro da experiência de leitura concretizada no livro impresso; um *leitor bibliófilo*, que coleciona/acumula livros e cria afeição por eles, não só pela relação com o texto neles inscrito, mas também pelo contato

com a materialidade em que se dão a ler; e, por fim, um *leitor consumista*, que tem desejo de comprar, possuir e exibir seus livros.

DIGITAL VERSUS PRINTED: PREFERENCES AND EXPERIENCES OF LITERARY INFLUENCERS AND THEIR FOLLOWERS

Abstract: Based on lurking observation on profiles and channels of four literary influencers, the aim of this article is to analyze some discourses about readers' preferences and experiences regarding reading supports. The flexibility of these subjects is observed, as they read both in print and digitally, recognizing both advantages and disadvantages. However, even though they are digital natives, they show a special interest in print, upon a relationship of affection, consumption and the search to leave reading experiences traces in the printed object.

Keywords: Reading. Social media. Reading supports. Readers. Literary influencers.

REFERÊNCIAS

BEYER, J. R. G. *Über das Bücherlesen, insofern es zum Luxus unserer Zeiten gehört*. Erfurt: Keyser, 1795. Disponível em: <https://publikationen.uni-frankfurt.de/frontdoor/index/index/year/2009/docId/12171>. Acesso em: 22 out. 2023.

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do presente. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JQGQqFY6bhHXDRrLj8Sn56P/>. Acesso em: 22 out. 2023.

CARVALHO, D. de M. *Blogs literários, consumo de literatura e a formação da identidade de um leitor-protagonista*. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://tede2.espm.br/handle/tede/296>. Acesso em: 22 out. 2023.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Unesp, 1998.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2023.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 199-236.

- DIGITAL 2023 GLOBAL OVERVIEW REPORT. [S. l.]: We Are Social; Hootsuite, 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em: 22 out. 2023.
- ECO, U. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina, 2008.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- HAMZA, J. *A gentleman reading in the library*. [18--?]. 1 pintura. Disponível em: https://www.wikigallery.org/wiki/painting_276652/Johann-Hamza/A-Gentleman-Reading-in-the-Library. Acesso em: 22 out. 2023.
- LOPEZ BELLO, S. E.; RÉGNIER, J. C.; SPERRHAKE, R. Quando os números produzem formas-sujeito: a quantificação como prática de governo. In: ENCONTRO DE ETNOMATEMÁTICA DO RIO DE JANEIRO, 2014, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 199-213.
- MACHADO, P. A. “Conecto-me; logo, existo”: narrativas e práticas de leitura de jovens leitores inseridos na cultura digital. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/202061>. Acesso em: 22 out. 2023.
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. Part 1. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 2-6, Sept./Oct. 2001. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/10748120110424816/full/html>. Acesso em: 22 out. 2023.
- SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- SATURNINO, E. L. *Representações do corpo leitor na pintura artística brasileira do século XIX e início do século XX*: contribuições para a história das práticas de leitura. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/37401>. Acesso em: 22 out. 2023.
- SILVA, R. P. A. *Livros e leitores nas redes de sociabilidade do YouTube*. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/8845>. Acesso em: 22 out. 2023.
- SILVA, T. T. da. *Teoria cultural e educação*: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- STEINER, G. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.